

CAPÍTULO 6

A NÃO CONCATENATIVIDADE DA PALAVRA FRANTASTIQUE E A TEORIZAÇÃO DOS BLENDS



<https://doi.org/10.22533/at.ed.542122503066>

Data de aceite: 15/07/2025

Vanessa de Santana Vila Flor

Doutoranda da Pós-Graduação em Língua
e Cultura – UFBA
Salvador – Bahia
<http://lattes.cnpq.br/9255834944140802>

RESUMO: Este artigo concentra-se na análise da palavra *Frantastique*. Um item lexical que surgem a partir da inter-relação entre os vocábulos dicionarizados: *fantastique* (fantástico) e *français* (francês), da língua francesa. A investigação das estruturas internas do termo *Frantastique*, por meio de teorizações morfológicas formuladas por pensadores da Linguística, nos proporciona responder os seguintes questionamentos: Por que podemos vê-lo como uma palavra? O item vocabular *Frantastique* se enquadra em qual processo de formação de palavra: Derivação ou Composição? — O que se estende para compreendê-lo como parte de formações *concatenativas* ou *não concatenativas*. O sanar dessas perguntas nos conduzirá a inserir a palavra *Frantastique* em um processo morfológico, cuja sua nomeação é Blend – um fenômeno linguístico que será discutido na segunda parte desse texto – pontuando a sua conceituação em

distintas línguas e quais foram suas iniciais formações verificadas e estudadas pela Linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Frantastique, Morfologia, Blend

THE NON-CONCATENATIVITY OF THE WORD FRANTASTIQUE AND THE THEORIZATION OF BLENDS

ABSTRACT: This article focuses on the analysis of the word *Frantastique*, a lexical item that emerges from the interrelation between the French dictionary words *fantastique* (fantastic) and *français* (French). The investigation of the internal structure of the term *Frantastique*, through morphological theories developed by scholars in Linguistics, allows us to address the following questions: Why can it be considered a word? Under which word-formation process does the lexical item *Frantastique* fall: derivation or compounding? — A discussion that extends to whether it should be understood as part of concatenative or non-concatenative formations. Answering these questions will lead us to classify *Frantastique* within a morphological process known as **blending** — a linguistic phenomenon that

will be discussed in the second part of this text, highlighting its conceptualization in different languages and the earliest formations identified and studied by Linguistics.

KEYWORDS: Frantastique, Morphology, Blend

Marianne : Amie ! Je compte poursuivre mes études en France. Ce sera bénéfique pour mon avenir professionnel.

Julie : C'est **frantastique**, ma chérie !

(produção original da autora)

Ao observarmos o diálogo acima, percebemos que Marienne decide estender os seus estudos para um contexto estrangeiro, na França. Pois ela acredita que terá um impacto positivo em sua carreira profissional. Ela relata esse seu objetivo para a sua amiga Julie, que corresponde ao que foi dito por Marienne com uma mensagem carregada de entusiasmo e felicidade: C'est **frantastique**, ma chérie!

Em um contexto lexicalizado de uma língua, como no caso acima, o francês. Poderíamos esperar que a Julie dissesse: C'est **fantastique** (é fantástico), ma chérie! Mas, não. Em um momento de entusiasmo e felicidade devido aos planos futuros da sua amiga Marienne, a Julie expressa a palavra **frantastique**, de forma inconsciente ou consciente talvez, para manifestar como a França é um espaço incrível para o crescimento intelectual da sua amiga Marienne.

A partir do diálogo entre a Marienne e a Julie, focamos o olhar na palavra **frantastique**, e nos questionamos: novas palavras podem ser criadas? O linguista Luiz Carlos Rocha (1998) argumenta que há três razões para a produção de novas palavras: 1 - *função de mudança categorial*; 2- *função expressiva de avaliação* e 3- *função de rotulação*.

A primeira está relacionada à imposição do próprio sistema linguístico, pois seria um processo antieconômico para a língua formar um novo item. Por isso, uma alteração morfológica é feita, utilizando, por exemplo, um sufixo em uma palavra, mudando-a de classe lexical. Como se pode perceber na seguinte citação “A Petrobrás precisa atingir a produção de 1.2000.000 barris de petróleo por dia. Somente quando atingir essa cifra, o País será autossuficiente. Mas esse *atingimento* só será possível...” (ROCHA, 1998, p. 80).

Percebemos que o verbo *atingir* tornou-se o substantivo *atingimento*. Uma mudança de categoria lexical, mas sem a mudança de base e sentido. Apenas a inclusão do sufixo *mento* - uma forma de economia, criando assim, uma nova palavra para o arcabouço lexical linguístico.

A segunda, como argumenta Rocha (1998) a participação do sujeito-falante é crucial para a formação do novo item lexical. Sua necessidade de manifestar a sua subjetividade, faz com que esse falante utilize sufixos afetivos, acentuados e intensificadores - como

no caso: “*filhinho, vai para a caminha, tomar o seu leitinho*” (ROCHA, 1998, p. 80), estabelecendo a produção de novos itens lexicais.

E por último, a terceira, a *função de rotulação*. Essa está conectada com a necessidade que o indivíduo tem de nomear tudo que se é criado ao seu redor - o que explica Rocha (1998). E podemos pensar que no momento atual essa terceira função está amplamente latente.

Desde que a globalização, principalmente com o advento das novas tecnologias, derreteu-se as fronteiras existentes entre os espaços, as pessoas e as culturas. O mundo se viu em uma fusão de coisas, de pensamentos e de atitudes que se reflete nas línguas naturais - acelerando mais ainda o processo de construção de novas palavras.

Quando voltamos ao diálogo apresentado em que a Julie expressa: *c'est frantastique*, ma chérie! Podemos considerar a palavra *frantastique* um novo item lexical? Se sim, em qual das três funções citadas por Luiz Carlos Rocha (1998) podemos enquadrá-la? E pensando nas teorias sobre processos de formação de palavras propostas por atuais linguistas, essa palavra faria parte de algum desses processos existentes?

Para Carlos Gonçalves (2019) o falante é um indivíduo original e criativo, e isso favorece para que em uma determinada situação linguística, se houver necessidade, ele construa uma nova palavra que conte com o pensamento que ele quer expressar para o outro em uma comunicação.

Então, a partir do que Carlos Alexandre (2019) argumenta, podemos ver a palavra *frantastique* como um novo item lexical. já que, a Julie, a partir da criatividade estimulada pelo seu dispositivo mental, como reflexo ao que foi dito por sua amiga Marienne, ela sentiu a necessidade de produzir uma nova palavra em meio a uma estrutura sintática verbalizada.

Mas, essa necessidade por parte da Julie se conecta a qual das três funções estabelecidas por Rocha (1998) descritas acima? A Julie sente uma imensa felicidade devido aos planos de Marienne. Viver um período na França - ver de perto monumentos franceses importantes para história da humanidade. Conhecer Paris, que muitos a chamam: a cidade do amor! Além disso, a sua amiga ampliará o seu horizonte intelectual a partir do aprofundamento da teoria francesa que condiz com a sua área profissional. Então, tudo isso não seria *fantastique*? Não, para a Julie, a Marienne estudar em um país glamouroso como a França é *frantastique*, pois apenas a palavra *fantastique* não daria conta para expressar toda a significação processada pela mente da Julie diante das informações ditas por sua amiga.

A Julie sentiu a necessidade de criar uma nova palavra para nomear o pensamento configurado a partir daquela comunicação. E essa ação verbal da Julie se conecta com a *função de rotulação* proposta por Rocha (1998), já que diante de objetos no mundo; transformações ocorridas na sociedade e novos pensamentos por nós formulados - como no caso da Julie, o nosso dispositivo mental tem a urgência de criar novos itens lexicais.

Quando falamos em produção de novos itens lexicais, estamos nos referindo a processos de formação de palavras já estabelecidos pela Morfologia. Esses processamentos, como explicam Souza e Koch (1995), são divididos em duas estruturas: a primeira *derivação* e a segunda *composição*.

A *derivação* se constitui na estruturação de novos itens lexicais através de afixos anexados ao morfema lexical. Souza e Koch (1995) esclarecem que para esse processo acontecer, dois requisitos devem ser estabelecidos: (i) é necessário ter o entendimento sincrônico dos morfemas integrantes, como expressa a citação abaixo.

"considerar derivadas, palavras como *submisso*, *perceber*, *conduzir*, *admitir*, a partir de uma pseudo forma livre -misso-, -ceber-, -aduzir-, -mitir-, com o acréscimo dos prefixos *sub*-, *per*-, *com*- e *ad*- representa um critério diacrônico válido apenas no estudo histórico, já que no estágio atual da língua esses morfemas lexicais inexistem. Assim, tais vocábulos devem ser tratados como palavras primitivas." (SOUZA E KOCH, 1995, p. 32)

É necessário conhecer o percurso estrutural da palavra para fazer essa construção derivacional. Como é explanado na citação acima, as palavras *submisso*, *perceber*, *conduzir* e *admitir* na análise diacrônica os afixos *sub*, *per*, *com* e *ad* podem ser considerados prefixos àquelas bases. Mas no eixo sincrônico, esses vocábulos comportam-se como palavras primitivas.

O outro requisito para a realização do processo de formação de palavras derivacionais é contemplado quando o afixo está ao alcance dos falantes nativos, no seu arcabouço lexical, pois é assim que eles formularão novos derivados. O conhecimento dos afixos, em maior ou menor grau de produtividade, fará com que o indivíduo construa, aceitando e rejeitando vocábulos derivacionais. Além disso, os falantes poderão examinar certas palavras como simples ou complexas.

O segundo processo de formação de palavras é a *composição*. Como pontuam Souza e Koch (1995), é um procedimento morfológico que forma novos vocábulos a partir da combinação de itens lexicais já existentes, criando assim, não apenas uma nova palavra como também mantendo ou produzindo um novo significado.

Nessa formação associam-se dois morfemas lexicais - que faz também entre eles um amálgama semântico, podendo ser parcial ou completa. Como por exemplo, "em guarda-chuva, o significado de cada elemento persiste com certa nitidez; já em pé-de-moleque, este significado praticamente desaparece para dar lugar a outro."

As autoras Souza e Koch (1995) também acrescentam que a *composição* pode ser constituída por *justaposição* ou por *aglutinação*. O primeiro organiza os vocábulos em uma estruturação que eles fiquem lado a lado, preservando sua autonomia fonética - o acento e todos os fonemas permanecem. Esses podem ser apresentados juntos *girassol*; separados com ou sem hífen, respectivamente - *beija-flor*, *hiperativo*.

Já no segundo, *aglutinação*, acontece uma fusão fonética entre os itens vocabulares. Palavras que serão formadas por apenas um acento, tendo também o desaparecimento ou modificação de certos elementos fonéticos - acento tônico, vogais ou consoantes, como por exemplo: *aguardente* - que acontece a perda da vogal *a* que está no final da palavra água.

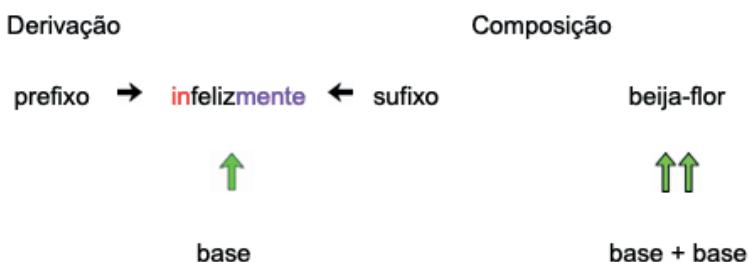
Ao voltarmos para a análise da palavra ***frantastique***. Em qual processo de formação de palavras, ela se enquadra? *Derivação* ou *composição*?

A palavra ***frantastique*** é construída a partir dos itens lexicais *français* (francês) mais *fantastique* (fantástico) - palavras lexicalizadas conhecidas por nativos franceses ou por pessoas que tenham pelo menos o conhecimento em nível intermediário da língua francesa. Esses vocábulos se combinam para formar aquele novo item vocabular, mas essa combinação não se dá por meio da junção de um morfema lexical com um afixo - o que seria o caso do processo de *derivação*, então, podemos dizer que a palavra ***frantastique*** é formada por um processo composicional?

Antes de respondermos essa pergunta, devemos falar sobre outros procedimentos de formação de palavras, que de uma forma compõem e se estendem à linha da *derivação* e da *composição*, que são os processos *concatenativos* e os *não concatenativos*.

O morólogo Carlos Gonçalves (2019) apresenta a definição desses dois últimos processos citados. Os *concatenativos* se estruturam em associações de formas, por meio da adição à esquerda ou à direita de um item lexical ou gramatical. Já os processos *não concatenativos* são definidos por alterações morfológicas nas palavras bases, tendo ou não acréscimos.

A partir da explicação de Gonçalves (2019), podemos examinar que a *derivação* e a *composição* são sistematizações de formação de palavras que se conectam aos processos *concatenativos*, já que, tanto no primeiro quanto no segundo os itens se interligam, como podemos observar no esquema abaixo:



(esquema original da autora)

Mesmo adicionando a *derivação* aos processos *concatenativos*, a palavra ***frantastique*** não é derivacional, pois como já vimos, a sua construção não é estruturada por meio da soma entre base e afixos. Então, voltemos ao questionamento e acrescentamos:

se o vocábulo ***frantastique*** não é uma construção derivacional, então, o mesmo é alinhado à composição? É uma palavra que se estende aos processos concatenativos?

Se analisarmos superficialmente, poderíamos dizer que sim, pois, de uma certa forma corresponde tanto ao que foi dito por Souza e Koch (1995) em relação ao processo de *composição* - criação de novas palavras através da junção entre itens lexicais já existentes. E ao que Gonçalves (2019) argumenta sobre os processos *concatenativos* - um novo item vocabular por meio da soma entre duas formas - o que parece acontecer com a palavra ***frantastique*** (*français* + *fantastique*).

Porém, o autor Gonçalves (2019) expressa uma outra informação crucial que diferencia os processos *concatenativos* dos *não concatenativos*: esse último não segue uma sequência, ou seja, um item morfológico não começa quando o outro realmente finaliza. Então, problematizamos, há uma linearidade de início e fim entre as bases que formam a palavra ***frantastique***? Observemos a imagem abaixo.



(esquema original da autora)

A palavra ***frantastique*** é formada pelas três últimas sílabas do vocábulo *fantastique* e dos quatro morfemas iniciais da palavra *français* - essa formação não começa em um ponto quando o outro termina - como é dito por Gonçalves (2019) em relação aos processos *concatenativos*.

O que podemos analisar da palavra ***frantastique*** é que ela é estruturada por partes ocasionais de suas bases fontes - sem nenhuma obrigação com a linearidade, como acontece nas estruturações concatenativas, sendo, então, um processo *não concatenativo*. O que nos possibilita a afirma também que essa palavra não se insere à configuração da *composição* - esta se estrutura na ordem linear das palavras bases selecionadas.

Concluímos que a palavra ***frantastique*** está no âmbito dos processos *não concatenativos*, não sendo um item lexical derivacional, nem composicional. Então, em qual que fenômeno morfológico podemos conceituá-la?

A INVESTIGAÇÃO SOBRE OS BLENDS

Palavras que são construídas com a estruturação semelhante ao item vocabular ***frantastique*** não só acontece na língua francesa, mas acontece também no português brasileiro **maravilinda** (*maravilhosa* + *linda*) - uma pessoa estupendamente bela - Villalva

e Minussi (2020); no português europeu **brasiguai** (*Brasil + paraguai*) - um produto vendido no Brasil que veio do Paraguai - Villalva (2020); no inglês **tigon** (*tiger + lion*) - um felino híbrido - Bauer (2003), e em outras línguas.

Linguistas de diferentes lugares do mundo nomearam esse fenômeno morfológico como *Blend*, sendo que cada um registrou semelhantes características. Nos estudos em Morfologia da língua inglesa, o linguista Laurie Bauer (2003) analisa esse tipo de criação de palavra, o *Blend*, como um subtipo de processos *não concatenativos*, exatamente por não ter essa linearidade entre as palavras bases que estruturam o novo item lexical produzido. Outro pesquisador dos processos morfológicos do contexto inglês, é o Stefan Gries (2004). Para ele, os *Blends* são estruturas formadas de bases lexicais por meio da mescla de partes de ao menos duas palavras fontes.

Já na literatura morfológica francesa, o teórico Bernard Frandin (2015) não nomeia esse processo morfológico de *Blend*, e sim como *Mot-Valise*. Ele explica que é uma unidade formada pela fusão de dois lexemas – um conectado ao outro, em que pelo menos, o radical de um deles encontra-se encurtado. Outro linguista francês, o Vincent Renner (2006) também não chama esse fenômeno de *Blend*, mas de *Amalgame Lexical*. Para esse processo, ele apresenta as mesmas características de Frandin - uma união de ao menos duas palavras, em que uma delas perde uma parte do seu significado.

No contexto teórico do Português, esse fenômeno começou a ser estudado no início da década de noventa pelo teórico Antônio Sandmann (1990, 1991). Ele apresenta as primeiras análises teóricas sobre este processo morfológico, ao qual ele denomina *Cruzamento Vocabular*, enfatizando que este cruzamento se assemelha aos compostos. Para o autor, a única diferença entre esses processos diz respeito às suas partes formadoras, enquanto no *Cruzamento Vocabular* ocorre a redução de uma ou das duas palavras fontes envolvidas, como em *sacolé* e *frantuguês*, respectivamente, nas formações compostas as palavras que as constituem são mantidas inteiramente (*guarda-roupa*, *pé-de-moleque*) – uma palavra só começa, quando a outra termina, exceto quando ocorre composição por aglutinação, como em *hidrelétrica* (*hidro* + *elétrica*), por exemplo.

Posteriormente, Carlos Alexandre Gonçalves (2000, 2003, 2004, 2011), em uma perspectiva morfo-fonológica, também observa os *Blends* como *Cruzamentos Vocabulares*, mas contra-argumenta o que foi dito pelo Sandmann, no que diz respeito à sua assimilação ao processo de composição.

Para Gonçalves, um dos seus argumentos para essa distinção se dá pelo fato de que o *Blends*, a ordem linear das bases não é reduzida, mas sim, constantemente fragmentada pela sobreposição fonológica de segmentos, como o exemplo do *Blend* *sacolé* (*saco* + *picolé*) – em que se verifica a presença integral da primeira palavra (*saco*) e a última sílaba da segunda palavra, processo que não acontece nos compostos, já que nestes, as duas palavras fontes que os compõem são preservadas, como mostram os exemplos: *bar-restaurante*, *surdo-mudo* e *corre-corre*.

Todos os autores citados, Bauer (2003); Gries (2004); Frandin (2015); Renner (2006); Sandmann (1990, 1991) e Gonçalves (2000, 2003, 2004, 2011), apesar de nem todos o nomearem como *Blend*, em suas explicações, a partir de suas análises, observaram que se trata de um mesmo processo morfológico criado sem uma linearidade exata das palavras bases existentes em suas línguas maternas.

Os autores citados acima são pesquisadores que estudaram os *Blends* no século XX e XXI. Mas o estudo sobre esse fenômeno morfológico não começou a partir do primeiro século mencionado. Outros estudiosos já davam os passos iniciais acerca desse caso morfológico.

O fenômeno *Blend* teve seu destaque a partir da obra literária *Through the Looking-Glass and What Alice Found There* (Alice Através do Espelho), produzida por Lewis Carroll, em 1871, século XIX.

Ao decorrer da narrativa, no capítulo seis do livro, Alice encontra o personagem Humpty Dumpty - um ovo falante bem vestido que ao fazer perguntas para a garota, “brinca” com as suas respostas, no intuito de problematizar a relação entre as palavras e os sentidos convencionalmente criados para as mesmas.

O personagem incomoda-se com essa convenção, pois para ele, as palavras podem ter o (s) significado (s) que quisermos criar. Até que em um momento desse diálogo, o Humpty Dumpty expressa a palavra *portmanteau*, indicando que ela é construída por dois significados.

'That's enough to begin with,' Humpty Dumpty interrupted: 'there are plenty of hard words there.'

"BRILLIG" means four o'clock in the afternoon--the time when you begin BROILING things for dinner.'

'That'll do very well,' said Alice: 'and "SLITHY"?'

'Well, "SLITHY" means "lithe and slimy." "Lithe" is the same as "active." You see it's like a

portmanteau--there are two meanings packed up into one word.'

(CARROLL, 1871, p. 83)

A palavra *portmanteau* dita pelo personagem Humpty Dumpty é formada pelas palavras francesas *porter* (*portar*) + *manteau* (*casaco*). O que podemos observar uma parte do primeiro item lexical e o segundo totalmente inteiro:

M A N T E A U

P O R T E R

P O R T M A N T E A U

(esquema original da autora)

A palavra *manteau* está recuada em relação ao item vocabular *porter*, para mostrar que ela não começou no ponto que a outra terminou. E que o fonema [e] do segundo item vocabular (no francês os morfemas -E e -R são transcritos apenas por um fonema) está abaixo do fonema [m] do primeiro vocábulo - um processo de sobreposição ou perda fonológica - o que mostra, mesmo ainda sem uma teoria definida, que a palavra *portmanteau*, criada no século XVI, já mostrava vestígios do que atualmente os linguistas nomeiam de *Blend*, *Amalgame lexical*, *Mot-valise* ou *Cruzamento Vocabular*.

Apesar do literário Lewis Carroll (1871) não ter apresentado uma análise científica da palavra *portmanteau* por meio do seu personagem criado, o Humpty Dumpty, ele não só mostra a criação dessa palavra, mas também o processo semântico que ela expõe.

Quando o ovo falante diz: “**portmanteau** -there are two meanings packed up into one word” (**portmanteau** - existem dois significados reunidos em uma palavra) (CARROLL, 1871, p.83), o autor indica que a criação dessa nova palavra reflete a junção dos significados que advém dos itens vocabulares bases do vocábulo criado - o que já se é examinado nos estudos linguísticos sobre os *Blends*.

Não só a palavra *portmanteau* encontrada no livro *Through the Looking-Glass and What Alice Found There* do autor Lewis Carroll (1871) foi o ponto de destaque para o início das análises sobre fenômeno *Blend*, como também a palavra *frumious* existe no prefácio do livro *The Hunting of the Snark* (1876) do mesmo autor.

O linguista Vincent Renner (2006) argumenta que o *Amalgame Lexical* foi atestado na língua inglesa a partir do conhecimento da palavra *witticism* (*witty + criticism*), encontrada no *New Oxford Dictionary of English* - um neologismo criado por John Dryden em 1677 no século XVI, mas esse fenômeno morfológico começou a ser descrito e analisado cientificamente no século XIX quando foi-se observada a citação no prefácio acima citado:

“For instance, take the two words “fuming” and “furious.” Make up your mind that you will say both words, but leave it unsettled which you will say first. Now open your mouth and speak. If your thoughts incline ever so little towards “fuming,” you will say “fuming-furious;” if they turn, by even a hair’s breadth, towards “furious,” you will say “furious-fuming;” but if you have the rarest of gifts, a perfectly balanced mind, you will say “frumious”. (CARROLL, 1876, p. 12)

Como podemos observar, a palavra *frumious* vem da junção dos itens bases *fuming* + *furious* criando assim, um novo sentido a partir dos significados encontrados nos vocábulos que deram origem a esse novo item lexical - o que basicamente até os dias atuais é o ponto central que marca o fenômeno morfológico *Blend*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procurou-se evidenciar como as teorias morfológicas que contemplam a necessidade de produção de novas palavras fizeram parte da estruturação do item vocabular **Frantastique** e como o mesmo pode ser analisado como um *Blend*. Um fenômeno morfológico que, como foi descrito aqui, apesar de seus distintos nomes em

diferentes línguas, suas características principais prevalecem independente do contexto encontrado – o que se pode ser notado, desde suas iniciais formações construídas a partir do século XIX, por meio dos textos literários produzidos por Lewis Carroll.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Carlos Gonçalves. **Morfologia do Português: teoria, análise, descrição**. São Paulo: Contexto, 2019.
- BAUER, Laurie. **Introducing linguistic morphology**. 2. ed. Washington, DC: Georgetown University Press, 2003.
- CABRAL, Terezinha Maher. **Neologismos e neologia: entre o dicionário e o discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CARROLL, Lewis. **The hunting of the snark: an agony in eight fits**. London: Macmillan, 1876.
- CARROLL, Lewis. **Through the looking-glass and what Alice found there**. London: Macmillan, 1871.
- FRANDIN, Bernard. **Les mots du français: morphologie**. Paris: Ophrys, 2015.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. **A morfologia do português: formas, funções e interfaces**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. “**Cruzamentos vocabulares: o caso dos blends**”. In: **XXVI Encontro Nacional da ANPOLL**, 2008.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Estudos morfológicos do português**. São Paulo: Humanitas, 2003.
- GRIES, Stefan Th. “**Shouldn't it be breakfunch? A quantitative analysis of blend structure in English**”. *Linguistics*, v. 42, n. 3, p. 639–667, 2004.
- KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Contexto, 2004.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **História do Português Brasileiro: síntese do estado atual do conhecimento**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PLAG, Ingo. **Word-formation in English**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- RENTER, Vincent. “**Les Amalgames lexicaux: questions de morphologie et de classification lexicale**”. *LINX*, n. 53, 2006, p. 67–82.
- ROCHA, Luiz Carlos. **Morfologia: uma introdução**. São Paulo: Ática, 1998.
- SANDMANN, Antônio. “**Cruzamentos vocabulares: um processo morfológico produtivo**”. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 19, 1990, p. 43–52.

SANDMANN, Antônio. **Morfologia: os mecanismos de formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 1991.

SOUZA, Maria do Socorro Silva de; KOCH, Ingêdore Villaça. **Introdução à morfologia: estrutura e formação de palavras**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

VILLALVA, Alina. “**Os Blends em português europeu: um caso de estrutura morfológica criativa**”. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, v. 12, 2020, p. 145–161.

VILLALVA, Alina; MINUSSI, Rafael. **Formação de palavras em português europeu e português do Brasil: estudo contrastivo**. Lisboa: Colibri, 2020.